

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

219

INSCRIÇÕES 779-781



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2021

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Todos os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:  
[fe.revista@uc.pt](mailto:fe.revista@uc.pt)

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas  
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

ESTELA ROMANA PROCEDENTE DE ARMAMAR  
(*Conventus Scallabitanus*)

Expõe-se no edifício-sede da União de Freguesias de São Romão e Santiago, concelho de Armamar, distrito de Viseu, uma estela funerária romana, incompleta, de granito amarelo, de grão fino (FIG. 1). Desconhecem-se as circunstâncias do achado e apenas J. Gonçalves Monteiro se lhe referiu, publicando foto, mas sem dela fazer qualquer estudo<sup>1</sup>.

A epígrafe (FIG. 2) – a que poderão faltar as duas linhas iniciais – estender-se-ia, pelo menos, por duas cartelas, de que resta a última linha da primeira e praticamente toda a segunda, com três linhas, de que falta cerca da metade inicial da última. O campo epigráfico foi rebaixado em relação à moldura, rude, de dois toros separados por ranhura.

Realce-se a decoração lateral, gravada em ambos os lados: uma haste vertical a cortar dois círculos distanciados (FIG. 3 e 4), decoração que lembra motivos idênticos, também estilizados (e, porventura, só de intencionalidade estética) da epigrafia de Cárquere (Resende)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> MONTEIRO (J. Gonçalves), *Armamar – Terra e Gente*. Porto, Edição da Câmara Municipal de Armamar, 1999, p. 194.

<sup>2</sup> CARON (Laurent), «Art et société d'après les stèles funéraires de Cárquere», *Conimbriga* 35 1996 69-106.

Dimensões (em cm): 58 x 42 x 20. Largura dos campos epigráficos: 29 e 28,5.

[...] / [...C]/AENONIS F(*ilius*) // QVI VIXIT / A(*nnis*)  
XXXIII (*tribus et triginta*) A/[...]LIA F(*aciendum*) C(*uravit*)  
(...) filho de Cenão, que viveu 33 anos. A[...] mandou  
fazer.

Altura das letras: l. 1: 6,5/8; l. 2: 6,5/7,5; l. 3: 6/7; l. 4: 5/6.

Não há pontuação, mas a regularidade patente na 2ª cartela denuncia a existência de prévias linhas de pauta.

Caracteres actuários, esguios, estreitos, de *ductus* a denotar ligeira inclinação para trás, irregulares na forma. A de travessão mui ténue; barras do E curtas e oblíquas: O elíptico, assim como o Q (deste, a cauda apenas se adivinha); S alongado; X de braços não rectilíneos, desenhados à mão levantada (na antepenúltima linha) e a evidenciar acentuada inclinação para trás no numeral da penúltima.

Já se não distinguem bem as barras horizontais (inclusive as do E, que se pressentem); mas não parece discutível a interpretação de F no final da primeira linha subsistente e de T na antepenúltima. Atendendo a que também não padecerá dúvida a reconstituição do patronímico do defunto, a dificuldade reside nas duas derradeiras linhas.

No final da penúltima, lemos A, esguio e sem travessão; na última, FC não causa problema e, a preceder, afigura-se-nos possível LIA, a terminar o antropónimo começado por A na linha anterior. Somos, de imediato, tentados a reconstituir A[EMI]LIA, que o espaço autoriza. Estranha-se, porém, não haver, assim, referência a eventual parentesco. A não ser que se reconstitua [FI]LIA – hipótese que só causa perplexidade por não haver espaço bastante para o nome (AMA poderia ser...).

Vale, pois, esta nota para dar a conhecer mais um vestígio epigráfico romano neste concelho de Armamar, donde, publicado, que se saiba, só se conhecia, até agora, o *terminus*

*augustalis* de Goujoim<sup>3</sup>. E, por outro lado, novo testemunho do nome indígena *Caeno*, de etimologia claramente lusitana. O *Atlas* de 2003 registou dele cerca de 40 casos<sup>4</sup>; Jaime Siles debruçou-se sobre a sua etimologia e significado<sup>5</sup>; Vallejo incluiu-o na antroponímia indígena da Lusitânia<sup>6</sup>.

Embora se reconheça a validade relativa dos argumentos, cremos poder datar este monumento do século I da nossa era, atendendo às características textuais e formais (do suporte) e à presença do patronímico indígena.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
JOSÉ CARLOS SANTOS

---

<sup>3</sup> VAZ (João Inês), «Término Augustal de Goujoim (Armamar)», *Conimbriga* 18, 1979, p. 133-138.

<sup>4</sup> NAVARRO CABALLERO, M. e RAMÍREZ SÁDABA, J. L. [coord.] (2003), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003, p. 125-126, mapa 65.

<sup>5</sup> SILES (Jaime), «Una nueva inscripción latina de Carbajales de Alba (Zamora), con nombres prerromanos», *Sudia Zamorensia*, I, 1980, p. 36-39.

<sup>6</sup> VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 238-242.



1



2

780



3



4

780